

economia

Área Metropolitana atrai perfis diversos de migrantes

Embora esteja atrás da Serra e do Norte do Estado, a Macrorregião Metropolitana concentra um importante contingente de imigrantes no mercado de trabalho formal. Afinal, há, nela, uma vasta gama de atividades profissionais: da indústria ao comércio, dos serviços especializados aos que não exigem formação específica. Consequentemente, o perfil dos estrangeiros é bastante diverso.

Há, é claro, imigrantes que, sozinhos, contam a história de muitos. É o caso de Miriannys de Los Angeles, de 29 anos, venezuelana como 55% dos estrangeiros que trabalham no Rio Grande do Sul. A sua nacionalidade é, inclusive, a que mais tem crescido sua participação nos ingressos ao País.

Como a maioria desses migrantes, ela deixou seu país por Roraima, estado brasileiro que

faz fronteira com a Venezuela. E, de lá, rumou ao Sul. O motivo? Dificuldades econômicas relacionadas à conturbada política de sua nação. A tudo isso, somou-se uma gravidez de Miriannys. Os planos? Realizar o parto no Brasil, onde havia mais estrutura, e retornar, quando possível, para casa.

Mas as expectativas acabaram se transformando. O que era para ser uma mudança temporária, em 2026 se encaminha para o seu nono ano de residência no Brasil. “Quando chegamos aqui, em 2018, a situação lá ficou pior. Foi um momento ainda mais difícil, e decidimos ficar. Ganhei minha filha e uma amiga viajou com o esposo para o Rio Grande do Sul”, relembra Miriannys.

Roraima estava superpopulada, com falta de moradias disponíveis e de vagas de trabalho. Foi daí que surgiu a vontade de

ir ao Sul. “Quando cheguei aqui, eu não tinha nada. Igual quando deixei a Venezuela, só com uma mala. Meu marido trabalhava de pedreiro e, às vezes, com a diária que ele recebia só conseguíamos comer, pagar as coisas de casa e complementar um pouco o aluguel”, conta a imigrante. Outra dificuldade era a barreira linguística, que, por aplicativos de telefone e no convívio diário com a população local, foi transpassada gradualmente.

Chegando ao Rio Grande do Sul, em 2020, não tardou a conseguir um emprego. Com o auxílio de um grupo voltado ao apoio de estrangeiros, pôde encontrar uma casa para alugar junto ao esposo e, em poucos meses, foi contratada para trabalhar na padaria do Grupo Asun, em Cachoeirinha. Com o tempo, foi crescendo profissionalmente e hoje é a responsável pelo setor.

Hoje, Miriannys tem sua casa própria e pôde trazer boa parte da família para morar junto a ela. “Menos meu pai, que ainda está apegado às coisas dele lá”, conta. Deles, apenas os menores de idade ainda não estão formalmente empregados.

Para o futuro, ela planeja conseguir obter o diploma que, por ter deixado o país, não foi emitido pela universidade em que estudou. E, assim, poder atuar na área à qual dedicou seus estudos: a Engenharia de Petróleo. Sonhando com um horizonte melhor, espera poder, um dia, voltar – ao menos para visitar – à nação em que viveu grande parte de sua vida.



Miriannys de Los Angeles estava grávida quando deixou a Venezuela



Indústria concentra os vínculos empregatícios de estrangeiros no Rio Grande do Sul

Barreira do idioma foi desafio de jordaniano até conseguir emprego

ACERVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC



Majdi Halawani veio da Jordânia e atua no setor de tecnologia

De um perfil diferente é o jordaniano Majdi Halawani, 38 anos, cuja nacionalidade ainda é pouco expressiva no Estado, mas que chegou ao País no mesmo ano que Miriannys. Diferente dela, entretanto, ele sempre residiu em Porto Alegre, para onde veio com o apoio do Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados (Gaire) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A instituição, e alguns gaúchos que o acolheram, o ajudaram, não apenas financeiramente, mas com toda a burocracia da imigração. Assim como a encontrar uma vaga de emprego no setor de tecnologia da informação (TI), no qual possuía mestrado e experiência profissional no seu país de origem.

“Eu vim para começar a vida do zero. Sem emprego e sem dinheiro. Algumas pessoas me ajudaram com documentos, a achar lugar para ficar. Recebi dinheiro também. Algum tempo atrás, teria vergonha de dizer isso, mas, hoje, não. Foi difícil porque não falava nada de português e procurei por quase seis meses até achar o meu primeiro emprego, em uma empresa de TI”, relembra Halawani.

Embora o setor de tecnologia tenha, tradicionalmente, o inglês como um idioma cotidiano, ele precisou aprender a língua nacional do Brasil. Para isso, realizou um curso de português voltado a estrangeiros no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). “Era

um projeto maravilhoso, com voluntários muito educados conosco, que nos ajudaram com muita paciência e sorrisos. É por isso que eu amo o Brasil, porque essas coisas fazem a diferença na jornada de um imigrante”, relata o jordaniano.

Halawani, desde então, passou por outras empresas, como a PMWeb – à qual é muito grato, especialmente pelas políticas de diversidade – e a KPMG, onde trabalha atualmente. E o amor com o Brasil só cresceu.

“Meu plano era ficar alguns meses aqui e depois me mudar para o Canadá. Mas, depois de alguns meses no Brasil, senti que era o meu lugar. Agora, sou brasileiro. Aqui é a minha casa. Viajei para muitos países, mas esse é o lugar mais mente aberta que eu conheci. Sou gringo, muçulmano e gay. Tenho uma cultura diferente. Sou muito teimoso. E, mesmo tão diferente dos brasileiros, estou vivendo muito bem, sinto que não sou discriminado ou julgado pela maioria das pessoas”, conta Halawani.

Seu plano futuro é o de criar uma organização para ajudar pessoas como ele. Um sonho que ainda pretende concretizar. “Quero dar auxílio quando eles chegarem, com a língua, habilidades e cursos para conectar eles com o mercado. Tem muitos imigrantes que chegam sem educação formal e sem falar português. Isso faz a diferença. E um dia ainda vou fazer isso”, conclui.

ANA STOBBE/ESPECIAL/JC